
O CORPO INVISÍVEL E DISCIPLINADO EM VLADIMIR SOUZA CARVALHO¹

Rafaela Felex Diniz Gomes Monteiro de Farias²

Professora da Escola Estadual Guilherme Campos/Campo do Brito-SE

rafafdgm@hotmail.com

Vladimir Souza Carvalho, autor sergipano, nascido na cidade de Itabaiana está inserido na temática de romances regionalistas. Esse romancista itabaianense tem um estilo singular de escrita, pois consegue abordar em suas obras o real e o fantástico sem perder de vista a crítica histórica, cultural e social do homem do interior sergipano em especial da cidade de Itabaiana³- SE.

Carvalho (2007) possui um gosto por trabalhar conflitos humanos sempre tendo em cena um personagem excluído. Os dramas de seus personagens geralmente estão ligados a determinadas problemáticas das instituições sociais. Seus contos muitas vezes abordam as crises de identidade, assim como, a busca frequente do eu no *locus social*.

Geralmente em suas obras a escritor focaliza um momento particular de seus personagens, a partir de uma dramática percepção distorcida da realidade ou densas revelações subjetivas focalizadas de forma irônica, impondo uma ruptura brusca entre a lucidez e os devaneios.

Dono de um estilo preciso e conciso, marcado pelos períodos curtos e pela eficiência narrativa, Vladimir passeia por uma variedade temática e de pontos de abordagem, ora apostando na perspectiva psicológica facilitada pela narração em primeira pessoa, ora apostando à respeitável distância, somática de comentários, de modo a se apropriar do melhor modo possível do drama humano que registra, recriando-o em alguns momentos com assumida mediação do fantástico e do inusitado (CHAGAS, 1998, p.30).

¹ Vladimir Souza Carvalho, sergipano de Itabaiana é autor no campo da ficção e possui três livros de contos: **Quando os cabras dão leite; Mulungu Desfolhado e Feijão de Cego**. Na área de história está elaborando um roteiro da história de Itabaiana.

² Rafaela Felex D.G. M de Farias é professora da rede Estadual de ensino, possui pós-graduação em Ensino de Língua e Literatura pela Universidade Federal de Sergipe.

³ Itabaiana-SE cidade do agreste sergipano.

A obra *Água de Cabaça*⁴ possui trinta e um contos, sendo divididos em dois eixos temáticos que são: o fantástico e o memorialista. A Praça, que é o conto em análise insere-se nos contos de memória. Nesse conto o autor consegue registrar a cultura local e o poder patriarcal da região.

A Praça apresenta a história de Marivalda uma mulher do interior nordestino que sempre foi prisioneira na sua própria casa. O pai, símbolo da repressão e autoritarismo, censurava-a e a mantinha encarcerada em seu próprio lar. Sem nunca sair de casa a personagem viveu sem ir à escola, proibida de amizades e principalmente de ir à Praça, local que representava a sua tão sonhada liberdade. Devido a sua prisão domiciliar, o corpo de Marivalda engordou demais devido à vida sedentária. Não casou algo incomum para muitas mulheres daquela região, não teve contato mais íntimo com homens, sofre de alucinações (sonhava com um cachorro copulando em uma cadela), seu corpo pedia sexo, mas criada com tanta repressão, não soube direito o que sentia ao certo. Chegou a andar nua pela sala, seu corpo ardia, suave, grunhia feito animal em cio, desesperado. Com a morte de sua mãe, Marivalda, viu o movimento em casa algo que raramente acontecia. Estranhamente gostou do velório: viu gente. O pai agora sozinho e sem ajuda de sua esposa sofreria com os delírios da filha, chamado-a safada, amaldiçoa a vida e deseja a morte. Tanto deseja que o destino de todos os homens lhe vem ao encontro (a morte). A personagem neste conto é a representação da disciplina e invisibilidade dos corpos. O corpo invisível é o mais submisso da narrativa de Carvalho (2007). De acordo com Elódia Xavier, esse corpo é totalmente excluído, não sente, não pensa, não questiona, é totalmente apagado do lócus social. “É a inexistência da mulher como sujeito do próprio destino” (XAVIER, 2007, p. 34), nesse caso o pai de Marivalda é senhor dos *destinos* de todos os membros da família.

A disciplina e invisibilidade do corpo feminino é um princípio de controle da produção do discurso. Eles fixam os limites pelo jogo de uma identidade que tem a forma de uma re- atualização permanente das regras. O discurso moral fixa limites muitas vezes por períodos indeterminados. Essas adequações corporais instituem ao sujeito um tipo de prática que determina o que falam, pensam e como agem ao mesmo

⁴ *Água de Cabaça* – livro de contos, possui trinta e um contos. Muitos de seus contos retratam a história local do Estado de Sergipe.

tempo em que estabelece papéis singulares e propriedades preestabelecidas no contexto histórico-social no qual estão inseridas.

Para a rigidez e controle de Marivalda, tudo que é produzido pelo meio externo é considerado foco de imoralidade, por isso, para o pai, toda influência externa deve ser combatida para não afetar os indivíduos de boa moral como ele mesmo identifica-se. Dessa forma a personagem concebe que a sociedade é um veículo formador de opinião que deturpa os valores familiares até então atribuídos. Esse olhar do personagem é parte de um universo cultural no qual, “os discursos devem ser tratados como práticas descontínuas, que se cruzam por vezes, mas também se ignoram ou se excluem” (FOUCAULT, 2006, p. 52-3).

Para combater o que chama de promiscuidade, o Pai, critica as influências externas que conspurcam os cidadãos de boa conduta, sendo as maiores vítimas as mulheres pertencentes ao núcleo familiar que sofrem com as repressões e anulações impostas pelo homem.

A família do interior nordestino é forjada a partir do modelo patriarcal, como foi exposto anteriormente, o padrão marital burguês é baseado em ideias tradicionais do homem protetor como afirma Xavier (2006), essa característica do homem protetor é também abordada na obra de Michel Foucault, que segundo o autor desde a Antiguidade o homem é tido como o provedor e senhor da família nuclear. Essas atribuições do homem como chefe do lar aos poucos foi ganhando força e alimentando o sentimento de autoritarismo exercido pelo pai. O homem é o agente excludente dos outros membros familiares, pois ironicamente é dado, ao chefe dá família o poder de controle e manutenção do núcleo familiar.

A família representada no conto é composta por um núcleo repressor que condiciona o ser de acordo com sua realidade tornando assim suas ações muitas vezes conflitantes e repressoras. No conto, a mulher é uma dos focos principais dessa opressão, geralmente a problemática feminina é bastante abordada em vários textos de autoria modernista regionalista. Em nosso caso, o personagem em conflito é Marivalda, que representa o discurso demagogo, irônico e excludente de seu pai.

A família tradicional nordestina tem sido alvo da crítica dessa narrativa regionalista. Os conflitos familiares geralmente causam traumas psicológicos difíceis de serem sanados, deixando marcas pela vida inteira, excluindo aquilo que o indivíduo tem

de precioso, o seu *eu-sexual*, assim como também, o seu *eu-social*. Há algumas abordagens desses conflitos, na obra de Carvalho, principalmente porque por meio do seu conto “A Praça”, conseguimos tornar externos os efeitos de repressão sofridos pelas mulheres ao longo dos anos. Como foi dito anteriormente, a família torna-se o núcleo dos conflitos vividos pelos seus personagens nesse conto, pois, Marivalda, uma mulher absorvida pela vida, está condenada a viver o resto dos seus dias policiando todos os seus atos e desejos mais íntimos, havendo uma inadaptação da personagem em relação às mudanças que estão ocorrendo com seu corpo, principalmente no aflorar de sua sexualidade.

A personagem está em constante vigilância, não pode baixar a guarda, precisa a todo custo deter as más influências, o sexo, está em todos os lugares é preciso manter o corpo vigiado, o muro está próximo, o sexo está por perto.

De acordo com Hall (1999), as sociedades que tiveram uma modernidade tardia, assim como o Brasil, são caracterizadas pelas "diferenças", que são associadas por divisões e antagonismos sociais que produzem uma variedade de diferentes "posições de sujeito" - isto é, identidades - para os indivíduos. Se tais sociedades não se desintegram totalmente não é porque elas são unificadas, mas porque seus diferentes elementos e identidades podem sob certas circunstâncias ser conjuntamente articulados.

Mas essa articulação é sempre parcial, pois a estrutura da identidade permanece aberta, que Hall (1999) classifica de pós-moderna. Esta é uma concepção de identidade muito diferente e muito mais perturbadora e provisória do que as duas anteriores. Marivalda posiciona toda a narrativa em oposição a esse estado provisório da identidade colocando-se como um ser, dominado por um dono de uma verdade e de uma forma ideal de controlar o mundo, que segundo Hall (1999) é denominada de identidade iluminista. Entretanto, isso não deveria desencorajar Marivalda, já que o deslocamento tem características positivas.

Hall desarticula as identidades estáveis do passado, mas também abre a possibilidade de novas articulações, pois sugere a criação de novas identidades, isto é, a produção de novos sujeitos. Talvez, nesse sentido, podemos entender o ponto vista irônico do pai que se constrói como um absurdo. Essa crítica aos desejos que impõe padrões disciplinantes é pertinente, mas o lugar que ele elege para construir sua argumentação é autoritarista, por isso, também vergonhosa. Para concluir essa relação

entre identidade e gênero, podemos partir das reflexões de Homi Bhabha (1998), que enfatiza a ideia de nação como um dos elementos responsáveis pela formação da identificação cultural de um povo. Para ele, a nação passa a ser o local da cultura, que impõe ao sujeito uma forma de vida mais complexa e mais simbólica. Por mais que a identidade do indivíduo seja construída por hibridismos culturais, há aqueles que ainda não se adequam as mudanças ocorridas na sociedade moderna.

Segundo Bhabha (1998), as identificações culturais são diversificadas, formadas por estratégias complexas e interpelações discursivas que interagem, ou em nome do povo, ou da nação, tornando-os assim, sujeitos sociais propícios a serem objetos de uma vasta série de narrativas sociais e por fim literárias. Se a nação é medida da modernidade cultural, e que o sujeito social é alegoria nacional de uma coletividade, então podemos afirmar que, se o indivíduo é parte do coletivo, a partir do momento em que se coloca fora desse senso comum, torna-se quase que obrigatoriamente um estranho para o seu próprio meio, língua, sexo e identidade. Portanto, sem perceber esse sujeito social é sombra da nação que se projeta sobre ele a condição de exílio.

Esses indivíduos como Marivalda que vivem à margem do seu contexto cultural, vivem uma duplicidade metafórica, que se movem através de uma temporalidade cheias de representações, significados culturais e sociais sem uma lógica causal centrada. Esse tipo de sujeito que faz parte do discurso cultural emergente que está separado do que os teóricos culturais chamam de ambivalência entre o pedagógico e o performativo. Essas pessoas possuem práticas residuais que estão às margens das experiências contemporâneas da sociedade, pois “sua emergência depende de um tipo de eclipse social; seu poder de transformação depende do fato de estarem deslocados historicamente” (BHABHA, 1998, p. 210).

Em casos como os de Marivalda, o cidadão é obrigado a esquecer o passado e adequar-se ao presente, que não é contínuo, mas uma sucessão de sincronia, tentar desapegar-se da tradição é tentar esquecer questões problemáticas, que são estranhas ao ambiente em que vive o sujeito, dessa forma é obrigado a negar um passado histórico cuja tradição discursiva não se adequa mais, criando uma unidade fantasmagórica de uma temporalidade de duplicação na construção do presente cultural. Essa dupla temporalidade é vista como negativa, por construir no indivíduo uma “identidade parcial”, não deixando o mesmo usufruir, ou compreender a mudanças que estão

ocorrendo no meio em vive, portanto, o ser alienante torna-se um sujeito contraditório e ironizado.

A diferença cultural não é simplesmente uma questão de oposição ou de tradições antagônicas, porque esse antagonismo social deve ser negociado ao invés de negado, e essa diferença cultural é propícia a um cenário de articulação. O processo de leitura do conto é uma experiência que pode atualizar a posição de Marivalda, pois o sujeito do discurso é construído pelo processo de substituição, deslocamento e projeção. Em oposição a ponto de vista de Marivalda, cabe ao leitor manter-se aberto a espaços que suplementem seus saberes já estabelecidos e canonizados, devemos nos manter abertos ao lugar do hibridismo e dos deslocamentos histórico-culturais, para convivemos com as várias perplexidades do nosso tempo sem maiores crises e deslocamentos.

Percebemos na obra de Carvalho (2007) que a literatura é construída com a prerrogativa de tornar válido a análise social de forma muitas vezes transgressora ao construir seus personagens de maneira irônica e com engajamento político e social da realidade nordestina.

Finalmente trabalhar a sexualidade, a família, assim como as obras de autoria de Carvalho (2007), foram de grande importância para entender a cultura patriarcal nordestina, já que descobrir construção dos corpos e da identidade feminina é de extrema importância social, cultural e histórica. E Carvalho (2007) por meio da sua narrativa subjetiva e transgressora consegue passar ao leitor um prazer significativo, angustiante e complexo da construção do corpo da mulher nordestina.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BUTLER, Judith. **Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”**. In LOURO, Guaraci Lopes. **O corpo educado**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- _____. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- _____. **Variações sobre sexo e gênero: Beauvoir, Witting e Foucault**. In: Benhabid (org). **Feminismo como crítica da Modernidade**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1988.
- CARROZZA, Elza. **Esse incrível jogo do amor**. São Paulo: Hucitec, 1992.
- COELHO, Nelly Novaes. **“As horas nuas”: a falência da razão ordenadora**. In: **A literatura feminina no Brasil contemporâneo**. São Paulo: Siciliano, 1993.

-
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Trad. Myriam Ávila, Eliane Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Trad. Maria Helena Kuhner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- EAGLETON, Terry. **Teoria da Literatura: uma introdução**. Tradução Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- ENGELS, Friedrich. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado**. Trad. Leandro Konder. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987.
- FOUCAULT, Michel. **A mulher e os rapazes da história da sexualidade**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- _____. **A ordem do discurso**. 14 ed. São Paulo: Loyola, 2006.
- _____. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1998.
- _____. **Vigiar e punir**. Trad. Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1987.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 3ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.
- _____. Stuart. **Quem precisa da identidade?** In SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- PAES, Maria Helena Simões. **A década de 60: rebeldia, contestação e repressão política**. 4 ed. São Paulo: Ática, 2004.
- XAVIER, Elódia. **A família no banco dos réus**. In: **Revista Eletrônica Interdisciplinar**, Itabaiana: EdNUL, 2006. Acessada em julho de 2007. Endereço eletrônico: http://www.posgrap.ufs.br/periodicos/links/edic_interdisc.htm